



## O conceito de percepção para Alexander Luria e a controvérsia com Kurt Koffka

### The concept of perception for Alexander Luria and the controversy with Kurt Koffka

**Eduardo Moura da Costa**  
Universidade Estadual Paulista  
Brasil

#### Resumo

O presente artigo tem como objetivo retomar a concepção de Luria sobre fenômenos perceptivos. Para este autor, alguns processos perceptivos teriam uma base fisiológica, já outros se alterariam com o desenvolvimento cultural. A aprendizagem da linguagem e o desenvolvimento do pensamento conceitual modificariam substancialmente essa função. A percepção da realidade seria acompanhada pelo significado e pelo sentido. Desse modo, ela é entendida como sendo a expressão das relações dinâmicas entre os sistemas psicológicos. Para discutirmos tais questões, utilizamos como ponto de partida a controvérsia entre os resultados dos experimentos realizados por Luria e Koffka nas expedições à Ásia Central. O primeiro tinha como objetivo constatar os efeitos das mudanças culturais nos processos psicológicos, dentre eles a percepção, e o segundo teve como finalidade investigar suas formas universais. Apresentamos uma hipótese para a divergência nas formas de interpretação. Por fim, mencionamos outros métodos de investigação que corroboram essa explicação do fenômeno perceptivo.

**Palavras-chave:** percepção; Luria; Koffka

#### Abstract

This paper aims to resume the concept of Luria about perceptual phenomena. For this author, some perceptual processes would have a physiological basis, while others would change with cultural education. Perception would be influenced by language learning and the development of conceptual thinking. The perception of reality would be accompanied by meaning and sense. In this way, it is understood as the expression of the dynamic relations between the psychological systems. To discuss such questions, we used as a starting point the controversy between the results of the experiments carried out by Luria and Koffka on the expeditions to Central Asia. The first one had the goal to verify the effects of the cultural changes in the psychological processes, among them, the perception, and the second aimed to investigate its universal forms. We present a hypothesis for the divergence in the forms of interpretation. Finally, we mention other methods of investigation that confirm this explanation of the perceptive phenomenon.

**Keywords:** perception; Luria; Koffka

#### Introdução

Alexander Romanovich Luria (1902-1977) foi um eminente psicólogo soviético reconhecido por alguns autores como o pai da neuropsicologia (Akhutina, 2002). Ele iniciou seu trabalho no Instituto de Psicologia Experimental de Moscou no início da década de 1920



e desenvolveu inúmeras pesquisas sobre o desenvolvimento cultural do pensamento humano, juntamente com Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934). A partir da década de 1930, Luria e Vigotski se voltaram ao estudo da medicina a fim de conhecerem os mecanismos psicológicos afetados por diferentes patologias, como as afasias, lesões cerebrais localizadas, dentre outras. O objetivo de Vigotski e Luria foi integrar a linha genética e a patológica da pesquisa psicológica, isto é, investigar tanto o desenvolvimento das funções psíquicas quanto sua dissolução.

As pesquisas realizadas por Luria (1902-1977) na Ásia Central, especificamente em regiões remotas do Uzbequistão, foram parte do desenvolvimento do projeto científico de Vigotski e seus colaboradores, conhecido posteriormente como Teoria Histórico-Cultural.

Em meados da década de 1920, Vigotski (1926/2004a, 1926/2004b) começou a perceber a impossibilidade das correntes teóricas da época em estudar a consciência de forma objetiva. Os métodos objetivos, como os da reflexologia, se restringiam ao reino das funções elementares, fato que igualava os homens aos animais. Essas abordagens de investigação das funções psíquicas se limitavam ao esquema estímulo e resposta. Era, portanto, um sistema baseado na relação “homem-meio”. A partir de 1927, Vigotski começou a trabalhar no método baseado no esquema “meio social- signo cultural- homem” (Veresov, 1999).

A inovação desse projeto foi a descoberta do caráter mediado das funções psíquicas superiores. Essa descoberta relacionou-se com duas linhas de trabalho de Vigotski. A primeira diz respeito às pesquisas com crianças deficientes, ciência que na época tinha o nome de “defectologia”. Os trabalhos defectológicos foram fundamentais para Vigotski compreender o papel do signo no desenvolvimento humano. Para ele, a deficiência significava apenas a ausência de um dos vínculos condicionados com o meio (Vigotski, 1924/1997). Ele já acreditava, nesse período, que a linguagem seria o portador da experiência social e que, sem ela, não haveria consciência nem autoconsciência. Partindo dessa concepção, a educação das crianças deficientes deveria incidir na criação de novas mediações, artificiais, para criar uma via alternativa de contato com os signos culturais impossibilitados pela deficiência. Portanto, seria a partir da “super-compensação” que se desenvolveria a consciência da criança deficiente.

Somaram-se a essas pesquisas os estudos em comportamento animal e em antropologia (Vigotski & Luria, 1930/1996). Esses estudos foram realizados na tentativa de compreender o que os “homens modernos” possuíam de único em relação aos macacos antropoides e aos “homens primitivos”. A fonte principal de pesquisa foram os achados experimentais de Wolfgang Kohler (1887-1967) e Karl Buhler (1879-1963), ambos psicólogos pertencentes à escola da Gestalt. Conforme Vigotski e Luria (1930/1996), “Buhler e Koffka estavam absolutamente certos ao dizer que o surgimento da primeira palavra da criança, como signo para denotar um objeto, constitui um paralelo psicológico perfeito do uso de um bastão pelos chimpanzés, em seus experimentos” (p. 145). Por intermédio das pesquisas de



Kohler, Vigotski e Luria (1930/1996) puderam constatar que a capacidade dos macacos tem de usar um instrumento para atingir um objetivo foi um primeiro passo na evolução dos processos mentais superiores. A ideia de que a criação de instrumentos é a unidade primária do comportamento do homem foi derivada de Buhler.

Além desses dados experimentais, foram fundamentais as pesquisas antropológicas realizadas por pesquisadores como Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939). Desse autor foi emprestada a ideia de que as funções mentais superiores estão ligadas as diversas formas de sociedade. A partir dos seus achados, Vigotski e Luria (1930/1996) concluem: “É fácil ver que a linguagem e seu caráter determinam a natureza e a organização das operações mentais no [mesmo] grau em que as ferramentas determinam a organização e a estrutura de toda a tarefa manual do homem” (p. 126).

As pesquisas defectológicas e antropológicas levaram a constatação da “função instrumental” como sendo o aspecto fundamental do desenvolvimento cultural humano (Vigotski, 1929/1994). Isto é, teria sido no emprego do instrumento e do signo que ocorreu a passagem do homem “primitivo” ao “cultural”. Em carta endereçada a Luria em julho de 1927, Vigotski propõe que todos do grupo deveriam trabalhar em seus campos de acordo com o método instrumental (Vigotski, 2007, p. 19).

Para comprovar essa tese foi preciso investigar o desenvolvimento ontogenético, para além do desenvolvimento filogenético e histórico. A metodologia de pesquisa desenvolvida consistiu no método de “dupla estimulação”. Em essência, esse método consiste na redução da organização do comportamento da criança a ajuda de uma série de dois estímulos, cada um com distinta “importância funcional” no comportamento (Vigotski, 1929/1994). Sua aplicação incide na apresentação de uma tarefa para a criança resolver, primeiramente, de forma imediata, isto é, sem a utilização de estímulo externo. Após a constatação da impossibilidade de realização da tarefa de forma direta, tal como lembrar uma sequência de palavras, o experimentador introduzia um signo cultural para mediar na sua resolução. O passo final para o desenvolvimento do comportamento cultural seria a internalização do signo cultural, ou seja, a criação do processo intra-psíquico. Em essência, a significação nova desse processo é o domínio do próprio processo de comportamento (Vigotski, 1983/2000c).

A partir dessas investigações Vigotski (1983/2000d) formulou a “lei genética geral do desenvolvimento cultural”. Em síntese, essa lei diz que todas as funções psíquicas superiores aparecem em dois planos. Primeiro surgem no plano social, isto é, nas relações inter-psíquicas, para, num segundo momento, serem internalizadas. Essa transferência da experiência social ao interior da criança possibilita que ela domine os instrumentos necessários para organizar e controlar o seu próprio comportamento.

Segundo Luria (1976), Vigotski teoriza sobre a natureza semântica e sistêmica dos processos psicológicos aplicados tanto à percepção quanto a outras atividades mentais. Essa concepção já era debatida antes de Vigotski (Luria, 1992). Durkheim, por exemplo, teria



afirmado que os processos básicos da mente não surgiam da simples evolução natural, mas da sociedade. Pierre Janet, no início do século XX, também teria proposto algo parecido ao afirmar que as formas de memória complexa tinham sua fonte na história e na sociedade. Nesse sentido, para Vigotski e seus colaboradores, se colocou a tarefa de comprovar tais premissas através de pesquisas experimentais.

Foi nesse contexto de produção que as pesquisas com habitantes de regiões remotas foram desenvolvidas. Tais pesquisas deveriam comprovar o que foi constatado nas pesquisas com o desenvolvimento “normal” e “anormal”, além das dos estados patológicos, como na esquizofrenia. Os experimentos lá realizados pretendiam investigar as funções psíquicas análogas àquelas investigadas em laboratório com crianças. Dentre as pesquisas, a percepção foi uma das funções que recebeu destaque. Na primeira expedição, Luria constatou que os “Uzbecs não tinham ilusão”. Isso significou que as ilusões ópticas eram um produto da cultura. Contudo, na segunda expedição, Koffka chegou a resultados diferentes, que refutaram os achados de Luria (Lamdan, 2013). Nesse sentido, o objeto desse artigo é justamente examinar a concepção de Luria sobre a percepção tendo como disparador essa controvérsia.

Para realizar o presente trabalho, mergulhamos na literatura concernente à visão de Luria sobre a percepção (Luria, 1976, 1979, 1981, 1986). Além disso, complementamos com a literatura vigotskiana sobre esse tema (Vigotski, 1983/2000e, 1982/2004c, 1984/2006b, 1930-31/2006a, 1960/1998, 1935/2009). Este será nosso objeto, portanto, tratar da Teoria da Gestalt está além dos nossos limites. Em relação às análises de Luria sobre as expedições, nos baseamos nas seguintes fontes: Relatórios com os resultados parciais publicados em diversos jornais estrangeiros (Luria, 1933, 1934) e também em publicações posteriores (1992, 1976).

### **Breve histórico das expedições à Ásia Central**

Como mencionado, o núcleo da Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Vigotski, aponta para a origem social e cultural das funções psíquicas superiores. Para buscar a comprovação de tais premissas, além das experiências em laboratórios e em instituições escolares e médicas, foram organizadas expedições às regiões da Ásia Central. Estas regiões estavam sendo anexadas pela União Soviética e estavam passando por rápidas transformações. A iniciativa de realiza-las partiu de uma visita de Vigotski a Tashkent, em 1929, local no qual conduziu experimentos pilotos (Lamdan, 2013). Luria se juntou à comitiva de cientistas financiada pela União Soviética e ficou responsável pela coleta dos dados empíricos. Foram realizadas viagens para várias aldeias remotas da República Soviética do Uzbequistão e as duas expedições ocorreram durante os verões de 1931 e 1932.

Conforme relata Proctor (2013), esses experimentos não devem ser vistos isoladamente. Vários estudos foram conduzidos durante um período de revolução industrial e cultural na



União Soviética, entre os anos de 1928 e 1932. Além disso, eles fizeram parte de um breve momento de interesse da Psicologia Soviética em estudos interculturais. Em 1929, por exemplo, ocorreram expedições científicas no leste da Rússia. Alexander Zaporozhets foi um estudante associado a Vigotski e Luria que participou dessas expedições. Porém, seu foco foram pesquisas com crianças e estavam ligadas à política educacional soviética. Em vista disso, sua meta não estava relacionada ao impacto da coletivização nos habitantes dessas regiões.

Lamdan e Yasnitsky (2016) destacam que Vigotski e Luria convidaram diversos pesquisadores de várias regiões do mundo, visando tanto o intercâmbio intelectual quanto a arrecadação de fundos para a realização do projeto. A tentativa de atrair pesquisadores de outras regiões não foi bem sucedida e a primeira expedição ocorreu apenas com pesquisadores soviéticos. Os resultados foram tão interessantes que logo iniciaram o planejamento de uma segunda expedição. Dentre os pesquisadores convidados, destacam-se os alemães Kurt Lewin, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka. Destes, apenas Koffka aceitou participar e se juntou aos pesquisadores soviéticos no verão de 1932. Contudo, sua participação foi breve em razão de problemas de saúde que o fizeram voltar para Berlim antes do fim da expedição. Havia ainda o plano de realização de uma terceira expedição, que teria como objetivo realizar uma contraprova dos resultados obtidos nas anteriores. Porém, em razão do clima político da época, que culminou nos processos de Moscou<sup>1</sup> e no recrudescimento do stalinismo, tal projeto foi abortado, bem como a publicação dos resultados parciais obtidos.

Luria (1992) relata que o objetivo das expedições era investigar as funções intelectuais em indivíduos adultos de uma sociedade não tecnológica, iletrada e tradicional. Além disso, um objetivo secundário foi investigar as rápidas mudanças culturais que estavam ocorrendo na URSS e seu possível impacto nos processos de pensamento<sup>2</sup>. O autor aponta que foram observados tanto grupos iletrados e não desenvolvidos, habitantes de aldeias, quanto grupos envolvidos com a vida moderna, e que experimentavam as influências das mudanças sociais em curso. Para realizar tais estudos, Luria e seus colegas investigaram, entre outros tópicos, a percepção, a formação de conceitos, o pensamento causal, o pensamento religioso e a capacidade de realizar operações numéricas. A primeira expedição concentrou-se em sujeitos adultos e a segunda incluiu também crianças entre os sujeitos.

Segundo Lamdan (2013), apesar dos resultados promissores obtidos nas expedições, eles somente foram publicados por Luria em 1974. Ainda conforme o autor citado, isso teria ocorrido por conta das divergências em relação aos achados de Koffka e por conta do clima

---

<sup>1</sup> Foi uma série de julgamentos dos opositores de Stalin ocorridos entre 1936 e 1938. Esses processos resultaram na execução de todos os membros do Comitê Central do Partido Comunista que fizeram parte da Revolução de 1917.

<sup>2</sup> Vale destacar que tais mudanças ocorreram de forma violenta, pois, como apontam van der Veer e Valsiner (2009), a coletivização da agricultura culminou na deportação, trabalho forçado e conflitos que tiveram como saldo milhões de mortes, seja por fome ou nos próprios conflitos. Portanto, a situação das regiões visitadas era extremamente delicada, fato que, como veremos adiante, pode ter influenciado nos resultados da pesquisa.



político da época. No início da década de 1930, Vigotski, Luria e outros pesquisadores foram duramente criticados por não desenvolverem uma psicologia “autenticamente” marxista. Como evidência dessa situação, Proctor (2013) cita que após a segunda expedição foi formada uma comissão para investigar as possíveis motivações políticas de Luria e de sua equipe. Como resultado, o trabalho na Ásia Central foi denunciado como pseudocientífico e antimarxista.

Ao revisar esse período, Toassa (2016) menciona que o núcleo da crítica foi a separação entre teoria e prática. Além disso, haveria uma indesejável convivência, dentro do instituto no qual faziam parte, com “psicologias burguesas”. A autora conclui afirmando que “não era bem-vinda a pesquisa de diferenças culturais que mostrasse discrepância na escolarização populacional entre as nacionalidades soviéticas e/ou ineficácia de qualquer política” (p. 5). Como resultado, a psicologia se reduziu a estudos teóricos, focados em citar clássicos do marxismo e no trabalho experimental. Este fato fez com que o projeto de Vigotski e Luria de desenvolver uma psicologia cultural marxista tivesse uma vida curta.

### **Estrutura dos experimentos e a controvérsia entre os resultados**

Nas duas expedições os sujeitos foram divididos em cinco grupos: 1) Mulheres iletradas que viviam em vilas remotas e não estavam envolvidas em nenhuma atividade social moderna; 2) Camponeses que viviam em vilas remotas, que possuíam uma economia individual, eram iletrados e não possuíam forma alguma de trabalho socializado; 3) Trabalhadores de fazendas coletivas e jovens que tinha frequentado algum curso por curto período; 4) Mulheres admitidas como professoras depois de poucos anos de estudo (Lamdan, 2013).

As sessões experimentais não utilizavam testes psicológicos em razão da situação do campo de pesquisa. Os pesquisadores receavam que a presença de pessoas estranhas e a proposição de “problemas insólitos”, que não se relacionava com a atividade dos entrevistados, poderiam deixá-los desconfiados e perplexos. Realizar a coleta de dados através de testes isolados, em tais circunstâncias, poderia fornecer resultados que não representassem adequadamente as capacidades dos indivíduos. Então, a estratégia foi estabelecer relações de amizade com os sujeitos para que as sessões experimentais ocorressem naturalmente, nunca de forma ameaçadora. Foi tomado o cuidado para que o material de teste nunca fosse apresentado de maneira ríspida ou de forma apressada (Luria, 1992).

Após a primeira expedição, Luria se comunicou com Kohler e apresentou alguns resultados parciais encontrados (van der Veer & Valsiner, 2009). Ele apontou que ilusões





visuais (como a ilusão de Muller-Lyer<sup>3</sup>) estavam presentes em praticamente todos os sujeitos, ao passo que outras ilusões, que Luria desconfiava que dependessem da interpretação da perspectiva nas figuras bidimensionais, eram bem menos frequentes. Sua conclusão foi que algumas ilusões como a de Muller-Lyer provavelmente teriam uma base psicológica, enquanto outras dependeriam do grau de desenvolvimento cultural do sujeito.

Luria (1979) afirma que as principais leis de Gestalt (lei da nitidez e da complementação do todo estrutural) podem ajudar a explicar as ilusões ópticas. Apesar disso o autor aponta os seus limites na seguinte passagem:

A teoria da Psicologia estrutural (Psicologia da Gestalt) deu contribuição importante e inovadora à análise da percepção integral das formas. Mas ela tem também as suas limitações. Concebendo as leis da percepção das estruturas como o reflexo natural das leis integrais dos processos fisiológicos e até físicos, ela abstrai o fato de que, todos os fenômenos da percepção humana, por ela descritos, formam-se em determinadas condições históricas e não podem ser interpretados definitivamente sem levarem em conta essas condições. Eis porque, como mostram os fatos, as leis da “nitidez da percepção”, “da conclusão do todo” (fechamento), apresentadas pelos partidários do gestaltismo como leis naturais de cada percepção, na realidade revelaram-se plenamente úteis apenas para a percepção do homem, formada nas condições de uma determinada cultura; elas não são confirmadas no estudo da percepção dos homens daquelas formações históricas nas quais a percepção das formas geométricas não tem o caráter abstrato que a distingue atualmente. As pesquisas histórico-comparativas, realizadas nos últimos decênios, limitaram substancialmente as leis descritas na Psicologia da Gestalt e permitiram que nos convencêssemos de que, em diferentes etapas do desenvolvimento histórico e da prática social, os processos de percepção podem subordinar-se a diferentes leis. Um exemplo disto pode ser visto no fato de que, em certas culturas, um círculo não fechado não é percebido como um círculo não fechado mas como um “bracelete”, percebendo-se um triângulo não fechado não como um triângulo não acabado mas como um “amuleto” ou uma “medida de querosene”, etc (pp. 63-64).

Tal posição pode ser esclarecida ao analisarmos os argumentos de Luria descritos em comentários sobre expedição à Ásia Central. Uma discussão relativamente detalhada das expedições, bem como uma apresentação dos resultados obtidos pode ser encontrada na autobiografia de Luria intitulada *A construção da Mente* (Luria, 1992). A tese central advogada por Luria, que como vimos na citação acima não se modificou ao longo de sua carreira, é que a educação e conseqüentemente o pensamento conceitual desenvolvido a partir da apropriação da linguagem, levaria a modificação de certos aspectos da percepção dos sujeitos.

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma ilusão envolvendo duas retas idênticas que ao serem apresentadas com ângulos invertidos nas extremidades dão impressão de possuírem tamanhos distintos. Foi desenvolvido pelo médico psiquiatra alemão [Franz Müller-Lyer](#) em 1889.



A premissa de que o desenvolvimento sócio-econômico modificaria a percepção apareceu de forma indireta em seus estudos posteriores (Luria, 1979, 1981, 1992). O impacto do desenvolvimento cultural seria expresso pelo nível de domínio da linguagem. O que notamos nesses trabalhos é uma caracterização das várias formas de percepção (tátil, visual, auditiva) do ponto de vista fisiológico e neuropsicológico. O elemento cultural da percepção é destacado quando ele procura explicar os níveis superiores de atividade psíquica, pois não seria apenas um efeito passivo em relação aos objetos sensíveis e coordenaria todos os mecanismos perceptivos, incluindo a fala (discurso). Nesse sentido, o homem sempre designaria uma palavra aos objetos perceptíveis. A palavra abstrairia os indícios secundários e colocaria em destaque o traço fundamenta representado pelo nome que lhe foi dado. Outra premissa levantada seria que a percepção evoluiria com a idade e com desenvolvimento mental (Luria, 1979).

Luria (1992) observou nos camponeses iletrados que a percepção conceitual não era compatível com os achados dos psicólogos da Gestalt, os quais apontavam a existência de leis universais da percepção. Nas observações, Luria constatou que os camponeses agrupavam objetos de acordo com sua utilidade e não de acordo com sua semelhança física. Conforme Luria (1992), os “sujeitos muito instruídos podem classificar esses estímulos com base numa única propriedade ‘ideal’, mas isso não é um produto natural e inevitável da mente humana” (p. 70).

Também foram investigadas a percepção e classificação de cores em vários grupos e os resultados alcançados foram análogos aos obtidos no estudo da percepção das figuras geométricas (Luria, 1976). Sujeitos com alto nível de desenvolvimento cultural não tinham dificuldade em classificar as cores em diferentes grupos. Já os sujeitos que não tinham passado por educação formal, não conseguiam agrupar as cores de formas distintas, misturando diferentes cores entre si.

Tais achados foram comparados com os experimentos de Vigotski sobre o desenvolvimento do pensamento conceitual em crianças (Luria, 1992). Vigotski (1960/1998) constatou que os conceitos das crianças pré-escolares baseavam-se na percepção gráfico-funcional ou na lembrança da relação concreta entre os objetos. Essa descoberta permitiu concluir que a instrução e o desenvolvimento de conceitos científicos tornam-se a principal ferramenta de abstração e generalização. Nesse sentido, Luria teve como objetivo investigar se o pensamento taxonômico dependia da educação formal ao analisar os camponeses iletrados. Aquelas pessoas que haviam frequentado alguns cursos escolares, misturavam modos de generalização práticos e teóricos. Para o autor, a função primária da linguagem mudaria conforme aumenta a experiência educacional. “As palavras, para estas pessoas, tinham uma função totalmente diferente da que têm para as pessoas instruídas. Não eram usadas para codificar os objetos em sistemas conceituais, mas para estabelecer as inter-relações práticas entre as coisas.” (Luria, 1992, p. 78).





A mudança no processo mental observado na percepção de figuras geométricas também é visto em ilusões ópticas. O raciocínio de Luria (1976) foi que se os mecanismos que determinam o aparecimento de ilusões se alteram em diferentes estágios de desenvolvimento histórico, portanto, sua pesquisa poderia confirmar essa premissa. Em outros termos, sua hipótese era que as ilusões baseadas em fatores fisiológicos relativamente simples provavelmente permaneceriam inalteradas; já aqueles com uma base mais complexa manifestariam discrepâncias sob diferentes condições, e talvez falhassem em aparecer totalmente em certos casos.

Luria (1976) conclui que as ilusões ópticas não são universais. “O número de ilusões oscilaram fortemente, tendo aumentado para 75, 6% quando o nível educacional dos sujeitos crescia” (p. 43). Não ocorriam em todos os sujeitos que possuíam alguma instrução educacional, caindo proporcionalmente em grupos cuja qualificação educacional era mais baixa. Por fim, o autor atesta: “Assim, os dados claramente mostram que as ilusões ópticas são ligadas aos processos psicológicos complexos que variam de acordo com o nível de desenvolvimento sócio-histórico” (p. 43). Luria faz a ressalva de que os dados são preliminares, mas cita que autores como Rivers, Alpor e Deregowski também observaram o mesmo fenômeno, sendo possível dizer que muito provavelmente a percepção não possui sua base somente nos processos fisiológicos, mas também são influenciados pelo desenvolvimento sócio-histórico.

Koffka não publicou os resultados completos de sua expedição. Uma versão resumida foi publicada por Luria (1934). Nesta publicação Luria apresenta os achados que foram comunicados a ele por Koffka. Este relatou a Luria que homens e mulheres, com poucas exceções, sucumbiram às ilusões ópticas. Já os experimentos de Müller-Lyer e Poggendorff<sup>4</sup>, produziram padrões ligeiramente menores do que os experimentos controle realizados por psicólogos europeus. As exceções poderiam ser explicadas, de acordo com Koffka, pela atitude dos sujeitos em relação aos experimentadores. Nos casos em que o sujeito ficou em pé de igualdade com o experimentador, ocorreram ilusões ópticas sem exceção. Por outro lado, quando os indivíduos se sentiam desconfiados e olhavam por muito tempo para os padrões antes de fazer seus julgamentos, as ilusões falhavam em aparecer.

Lamdan e Yasnitsky (2016) advogam a tese de que Koffka, diferentemente de Luria, teria interpretado os fenômenos de ilusão óptica nos sujeitos levando em consideração a situação como um todo, isto é, o ambiente comportamental. Segundo os autores, Koffka teria percebido que os sujeitos se sentiam intimidados pelos pesquisadores. Para corroborar essa tese, os autores citam que o próprio Luria menciona tal fato, mas que não teria dado importância para ele. Koffka teria observado o medo e a ansiedade no sujeitos e teria atribuído esse fato à diferença de desempenho dos diferentes grupos durante o experimento.

---

<sup>4</sup> É um tipo de ilusão descrita pela primeira vez por Johann Poggendorff (1796-1877). Esta ilusão envolve a percepção entre linhas diagonais interagindo com cantos verticais e horizontais.



A explicação para esse temor seria a situação política nas regiões mais remotas. As terras dessas regiões estavam em disputa e pouco tempo antes dos experimentos teria ocorrido uma guerra civil. Essa situação pode ter deixado os habitantes intimidados em relação aos representantes do Estado que estavam acompanhando os pesquisadores. Nessa mesma linha, Lamdan (2013) questiona como seria possível conduzir uma “conversa livre e relaxada” com mulheres que viviam de acordo com as leis islâmicas. Além disso, o referido autor aponta o fato da não padronização dos testes utilizados pelos dois pesquisadores. Em suma, os autores são categóricos ao dizerem que apesar de proporem uma teoria histórico-cultural, Luria e Vigotski teriam dado pouca importância para a situação histórica e cultural da região onde os sujeitos de estudo habitavam.

Em razão da não confirmação dos experimentos em uma terceira expedição e da problemática situação político-social da região, que poderia ter interferido nos resultados dos experimentos, seria impossível fazer qualquer conclusão categórica por meio dos resultados obtidos nos experimentos realizados nas expedições. Nesse sentido, existem fortes evidências que apontam para problemas metodológicos patentes que podem ter comprometido os resultados encontrados (Lamdan, 2013; Lamdan & Yasnitsky, 2016; Proctor, 2013). Por outro lado, é possível conjecturar que Luria e Koffka estavam lidando com fenômenos diferentes, sobretudo por divergirem em relação à visão de homem. Luria sugere uma compreensão da percepção relacionada aos processos superiores de pensamento os quais são formados por sistemas interfuncionais. Nesse sentido, ele buscou estudar a percepção não enquanto uma função isolada, mas como pertencente a um “sistema psicológico”. Koffka, por outro lado, buscou corroborar a tese da Gestalt sobre a universalidade da percepção das formas. Apesar disso, aparentemente, tal fato não altera a concepção de que há um componente cultural na percepção, nem que existam estruturas inatas. Na sequência, apresentaremos outros caminhos que podem lançar luz sobre o problema da percepção para Luria, ainda que haja divergência entre os resultados encontrados.

### **Luria e a neuropsicologia da percepção**

Após a morte de Vigotski, Luria se dedicou ao diagnóstico e tratamento dos feridos da Segunda Guerra, fato que o introduziu definitivamente no estudo neuropsicológico (Luria, 1992). Os estudos realizados conjuntamente com Vigotski, sobre o desenvolvimento cultural do pensamento, se articularam com suas pesquisas e estudos de caso realizados com sujeitos que possuíam distúrbios neurológicos. Suas pesquisas abarcaram inúmeros fenômenos psicológicos como a sensação, atenção, percepção, memória, comportamento intelectual, linguagem, consciência, etc. Segundo Akhutina (2002), sua teoria neuropsicológica engloba as ideias de Vigotski sobre a gênese social das funções superiores, sua estrutura e a localização dinâmica.



De acordo com Luria (1981), a psicologia do século XIX considerava a percepção como uma “estampagem” passiva. Acreditava-se que a percepção se processava através da incidência de estímulos exteriores na retina e depois no córtex visual. Nesse sentido, as bases cerebrais da sensação e da percepção visual deveriam estar nas zonas do córtex occipital que recebem a excitação gerada na retina, local onde as estruturas idênticas (isomórficas) às dos estímulos primários se formam. O autor aponta que a Psicologia da Gestalt devotou grande parte de suas pesquisas a defesa do “princípio do isomorfismo”. Essa visão compreende a percepção como processos que eram independentes das práticas sociais e permaneciam imutáveis ao longo da história social (Luria, 1976).

A psicologia moderna analisou o problema da percepção a partir de pontos de vista completamente diferentes. A percepção passou a ser compreendida enquanto processo de pensamento e não somente uma reação aos objetos sensíveis. Nas últimas décadas, o desenvolvimento da psicologia enfraqueceu as noções naturalistas sobre a relativa simplicidade e imediaticidade da percepção (Luria, 1976). Luria (1976) afirma que “as evidências colhidas sugerem que a percepção é um processo complexo envolvendo uma complexa atividade orientada, uma estrutura probabilística, uma análise e síntese de características percebidas, e um processo de tomada de decisão” (p. 20). Este novo ponto de vista considera

a percepção como um processo ativo que envolve a procura das informações correspondentes, a distinção dos aspectos essenciais de um objeto, a comparação desses aspectos uns com os outros, a formulação de hipóteses apropriadas e a comparação, então, dessas hipóteses com os dados originais (Luria, 1981, p. 199).

Luria (1981) completa apontando que os componentes efetores, motores, seriam essenciais para o processo de percepção humana. Ele caracterizou esse processo da seguinte forma:

Ele começa com a análise da estrutura percebida, ao ser percebida pelo cérebro, em um grande número de componentes ou pistas que são subsequentemente *codificadas* ou *sintetizados* e inseridos nos *sistemas móveis* correspondentes. Este processo de seleção e síntese de aspectos correspondentes é de natureza ativa e ocorre sob a influência direta das tarefas com que o indivíduo se defronta. Realiza-se com auxílio de códigos já prontos (especialmente os códigos de linguagem) que servem para colocar o aspecto percebido no seu devido sistema e para conferir a ele um caráter geral ou categórico; por fim, incorpora sempre um processo de comparação do conceito com a hipótese original, ou, em outras palavras, um processo de verificação da atividade perceptiva (p. 200).

Suas pesquisas demonstraram que a percepção tem um longo caminho de desenvolvimento. Nesse processo existe uma reorganização qualitativa cujos resultados são a substituição de formas elementares imediatas por uma complexa atividade perceptiva,



“constituída tanto pela atividade prática de conhecimento do objeto quanto pela análise das particularidades essenciais deste, análise essa que é feita com a participação imediata do discurso” (Luria, 1979, p. 75). Em sua gênese, no bebê, a percepção é difusa, pois ele percebe apenas traços particulares e não os objetos destacados. Somente depois que o objeto começa a ser designado é que a percepção adquire caráter material constante e ela deixa de cometer certos erros perceptivos. Junto com a linguagem participariam do processo de percepção de objetos complexos os movimentos táteis e os movimentos dos olhos, que distinguem os traços informativos essenciais do objeto e os sintetizam (Luria, 1979).

As pesquisas realizadas por Vigotski e por outros psicólogos soviéticos teriam comprovado a relação entre o discurso e o desenvolvimento da percepção na infância. Vigotski (1960/1998) constatou que, no desenvolvimento infantil, a denominação do objeto se dá conjuntamente com sua percepção. As pesquisas mostraram que a percepção dos aspectos objetivos da realidade depende do significado e do sentido que as acompanha. “Ao dizer que nossa percepção é uma percepção atribuída de sentido, significa dizer que toda nossa percepção é uma percepção generalizada” (Vigotski, 1984/2006b, p. 378).

Segundo Luria (1979), Vigotski, na década de 1920, demonstrou que a hipótese de William Stern estava errada. Tal concepção dizia que a percepção da criança se desenvolve dos objetos isolados para depois perceber relações complexas entre as coisas. Através de experimentos com crianças, Vigotski levantou a hipótese de que os estágios de percepção de Stern não eram os estágios do desenvolvimento da percepção, mas estágios do desenvolvimento do discurso infantil. Nas palavras de Luria (1979): “Vigotski demonstrou essa afirmação propondo a crianças não narrar, mas *representar* ativamente o tema de um quadro. A criança, que através das palavras podia designar apenas alguns objetos isolados, conseguiu entender facilmente e ‘representar’ o tema do quadro” (p. 77, grifos do autor). Por esse ângulo, é no momento que as linhas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se encontram que a criança passa de uma percepção sincrética para uma conceitual. Na aparência externa, a criança nomeia os objetos. Contudo, ela não possui internamente desenvolvida a percepção plena dos objetos, em seus traços objetivos, nem da relação com outros (Vigotski, 1983/2000e; 1935/2009).

Vigotski (1984/2006b) diz que o desenvolvimento da “percepção semântica” pode ser comparado quando duas crianças olham para um tabuleiro de xadrez, sendo que uma delas sabe jogar e a outra não. A criança que não sabe jogar se diverte com as figuras, já a que sabe, se comporta de outro modo. As peças do tabuleiro constituem uma estrutura que se relacionam entre si. Portanto, para o autor, percebemos toda a realidade com seus vínculos e relações semânticas de forma análoga à criança que sabe jogar xadrez.

Luria (1976) afirma que psicólogos ocidentais como Bruner também concluíram que a percepção é um processo complexo e ativo de atribuição da informação de entrada a uma



categoria conhecida, um evento intimamente relacionado com as funções de abstração e generalização da linguagem. Em suas palavras:

Uma vez que reconhecemos que a percepção é uma atividade cognitiva complexa empregando dispositivos auxiliares e envolvendo a participação íntima da linguagem, temos de alterar radicalmente as noções clássicas de percepção como um processo não mediado dependendo apenas das leis relativamente simples da ciência natural (p. 21).

O autor destaca que temos que prestar atenção às formas que os códigos envolvidos na percepção de objetos simples se desenvolveram historicamente. Isso nos faria duvidar que as leis da percepção de cores e das formas dos objetos sempre foram imutáveis. Ao contrário, essas leis são de natureza histórica. As formas conceituais de percepção de cores ou de formas apenas expressariam leis típicas do ser humano que as moldaram sob a influência de categorias durante um período particular da história, notavelmente sobre a influência de certos conceitos aprendidos na escola. Em relação à percepção das cores, por exemplo, Luria (1976) aponta que autores como Humboldt e a hipótese de Sapir-Whorf teorizaram sobre o impacto do vocabulário linguístico e seu possível efeito na estrutura dos processos cognitivos. Esses e outros linguistas notaram “que a ausência de nomes especiais para os grupos de cores, ou a presença de uma grande quantidade de subcategorias de outras cores, não é devido a particularidades fisiológicas de percepção das cores, mas a influência da cultura” (p. 23). Eles também teriam concluído que a variedade e pobreza de certos termos para cores resultavam da importância que diferentes cores tinham em diferentes culturas. Como exemplo clássico se tem a quantidade de palavras utilizadas pelos habitantes do Ártico para denominar diferentes tons de branco (um fato de importância prática), enquanto a nomeação de matizes de vermelho e verde praticamente não existia.

Vigotski (1930-31/2006a) explica que, para o homem “normal”, a consciência da realidade e da própria personalidade é representada por um sistema conceitual. Ele chegou a essa conclusão principalmente ao pesquisar o desenvolvimento psíquico do adolescente e o processo de dissolução da personalidade ocasionado na esquizofrenia. Em linhas gerais, sua conclusão principal foi que, na adolescência, o desenvolvimento mais importante ocorre da passagem do pensamento por “complexos” para o conceitual (Vigotski, 1982/2004c). Tal mudança não apenas revoluciona o processo intelectual, mas determina a dinâmica da personalidade.

Conforme essa orientação, todo conhecimento somente é assimilado por meio dos conceitos. Apesar das crianças pequenas assimilarem rudimentos desses conceitos, é apenas na adolescência que esses são plenamente desenvolvidos. Ainda conforme o autor, sem o pensamento por conceitos não seria possível compreender as relações existentes por trás dos fenômenos da realidade.



Ao mesmo tempo, Vigotski também considerava que a função dos conceitos não é somente compreender a realidade externa; eles também desempenham um papel decisivo para que o adolescente compreenda seu mundo interno, suas vivências. Por meio dos conceitos que se desenvolveria a autopercepção, a auto-observação e o conhecimento profundo da realidade interna: Assim sendo, “a palavra não é tão somente um meio de compreender os demais, mas também a si mesmo” (Vigotski, 1930-31/2006a, p. 70).

A percepção, portanto, deve ser entendida dentro de um sistema interfuncional, isto é, em relação com todo o sistema psicológico. Vigotski (1960/1998) expressa essa ideia na seguinte passagem:

No processo do desenvolvimento infantil, surge uma conexão entre as funções de percepção e de memória eidética, e com isso um novo conjunto único, em cuja composição a percepção age como parte interna. Surge uma fusão imediata entre as funções do pensamento visual e as da percepção, a essa fusão é tal *que não podemos separar a percepção categorial da imediata*, ou seja, a percepção do objeto enquanto tal do sentido, do significado, desse objeto (p.365).

No mesmo texto referenciado acima, Vigotski salienta que dado esse caráter interfuncional, as teorias que consideram a percepção sem relação alguma com as outras funções são impotentes em explicar as propriedades desse fenômeno psíquico em comparação com outros. No desenvolvimento infantil, portanto, o que se desenvolve não é a função da percepção isolada, mas emergem novos sistemas, dentro dos quais age a percepção. Conforme os sistemas se desenvolvem, a percepção se “liberta” de toda uma série de conexões que eram constitutivas das fases iniciais do desenvolvimento (Vigotski, 1960/1998).

Essa relação também pode ser notada nos processos psicopatológicos. Vigotski (1982/2004c) esclarece que, na patologia, o que se desintegra não são as funções psicológicas (memória, percepção, atenção, abstração, etc.), mas as conexões entre as funções. O autor explica que não experimentamos os sentimentos de maneira pura, mas que estamos conscientes de suas conexões conceituais. Em suas palavras:

No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram uma nova ordem e novas conexões (p. 126).

Ao ter o sistema conceitual destruído, na esquizofrenia, se tem também prejudicado todo o sistema de consciência da realidade e da própria personalidade. Para o esquizofrênico, suas vivências estariam divididas em duas esferas, aquelas que compõem o





entrelaçamento de conexões novas e velhas, gerando confusão e desintegração do pensamento associativo, que seria o sintoma mais característico desse tipo de pensamento. Vigotski (1930-31/2006a) cita a fala de um paciente que confirmaria o caráter indeterminado do seu pensamento. Trata-se de um professor de vinte quatro anos que relata: “Minhas ideias são tão dispersas e tudo tão instável que não há nada preciso para mim. Meus pensamentos se confundem, estão impregnados de sentimento, tudo se junta, um objeto se transforma em outro, parece que estou sonhando, não consigo concentrar-me em nada” (p. 190).

O estado de confusão perceptiva, inserções visuais e auditivas são uma expressão da relação entre todo o sistema psíquico e a percepção. Outros sistemas conceituais se entrelaçam desordenadamente e podem criar diferentes vivências perceptivas. Portanto, a partir da dissociação do sistema conceitual, foi possível entender a relação entre a percepção e a formação dos conceitos. O relato citado por Vigotski demonstra claramente essa inter-relação.

Estudos recentes com esquizofrênicos também demonstram que há uma perda significativa na compreensão da linguagem (Fuchs, 2010). Os pacientes relatam que se sentem observadores de suas próprias percepções. Eles percebem os objetos a partir de uma posição externa, isto é, como se vivenciassem o mundo em terceira-pessoa. Há relatos de que a capacidade de concentração e compreensão dos significados das palavras é perdida. Nesse sentido, com a perda da capacidade de significação são afetadas tanto as relações comunicativas quanto o próprio fluxo de pensamento. Este fato, portanto, seria uma evidência da relação intrincada entre linguagem (processo de significação) e percepção.

Em síntese, buscamos evidenciar que Luria parte da explicação do fenômeno perceptivo relacionado ao desenvolvimento dos conceitos, em sintonia com os trabalhos finais de Vigotski. A nova forma de domínio do pensamento, por meio dos conceitos, leva a uma nova forma de pensamento. As funções psicológicas superiores, mediadas pelos conceitos, superam as funções inferiores. No entanto, Vigotski (1983/2000b) salienta que superar não significa negar, mas que algo também se conserva no processo de desenvolvimento. Portanto, esta é uma orientação dialética no tratamento dos fenômenos. Desse modo, a percepção, mas não apenas ela, somente pode ser compreendida enquanto um sistema psicológico que envolve o movimento dialético entre as formas inferiores e superiores de pensamento.

A concepção de Vigotski e Luria nos dá margem para pensarmos a percepção como um fenômeno integrado ao sistema conceitual e de significação da realidade, o qual se relaciona tanto com a percepção tanto do mundo externo quanto do interno. Esta é uma interpretação da percepção muito mais como um fenômeno do pensamento do que simplesmente ligado aos órgãos do sentido.



## Considerações finais

As críticas que Vigotski (1931/2000a) direcionou à psicologia estrutural são de suma importância para entendermos as diferenças entre as duas concepções no que diz respeito ao fenômeno perceptivo. O ponto central da crítica incide no fato de que essa concepção não compreende o desenvolvimento infantil como um desenvolvimento cultural e histórico. Apesar dos seus avanços em relação à psicologia empirista subjetiva e objetiva, essa teoria veria as leis que regulam o desenvolvimento do pensamento e da concepção de mundo como imóveis e estáticas. Nesta crítica, Vigotski se remete, sobretudo, a Koffka, que em 1925 publicou o livro *Fundamentos do desenvolvimento psíquico*. Segundo Vigotski (1983/2000a), para essa orientação, as leis que regulam o desenvolvimento humano ficariam restritas ao reino da biologia, pois estudaram os aspectos culturais como se tratassem de fatos naturais. Nas palavras do autor: “Estudam a criança e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores *in abstracto*, a margem de seu meio social e cultural, assim como as formas de pensamento lógico, das concepções e ideias sobre a causalidade que predominam nesse meio” (p. 22, grifo do autor). Assim sendo, nossa hipótese é que a divergência entre as visões de Luria e Koffka tem como pano de fundo essa diferença entre as duas teorias, ou seja, uma seria calcada no naturalismo e a outra parte da compreensão do desenvolvimento histórico do comportamento cultural do homem.

Isso fica claro quando Vigotski (1983/2000b) critica a psicologia étnica pelo fato de que ela utiliza-se dos mesmos instrumentos elaborados em laboratório para um adulto culto e um homem nascido no seio de uma sociedade “culturalmente atrasada”. Esses experimentos estariam limitados ao estudo das funções psicológicas elementares, não cobrindo aquelas funções influenciadas pelo desenvolvimento cultural. Vigotski (1983/2000b) esclareceu que não haveria diferença entre a percepção do homem primitivo do culturalizado moderno. A diferença estaria apenas na exatidão e finura da reação à percepção. Nós captaríamos matizes e graus diferenciados muito sutis de um mesmo estímulo.

Kanizsa (1985) pode contribuir com essa interpretação na medida em que propõe, através de comprovação experimental, que haveria uma diferença entre os processos visuais e os processos de pensamento. Para ele, os dois seguiriam diferentes lógicas no sistema perceptivo, isto é, a visão possuiria princípios organizativos que não seriam os mesmos daqueles que regulam o pensamento.

Para além dos problemas metodológicos que incidem diretamente nas pesquisas realizadas nas expedições, o que está por trás dessa questão é uma crise ideológica e teórica daquele período. A fase “instrumental” da produção vigotskiana, que se desenvolveu entre o final da década de 1920 e início de 1930, expressa em si uma contradição dentro do campo marxista, o qual persiste até hoje. Esta tensão abriga-se na relação entre linguagem e trabalho, que, por sua vez, evoca o antagonismo entre Marx e Engels (Blunden, 2017). Essa fase guardaria traços “marxistas mecanicistas” que são superados por Vigotski,



principalmente através de uma concepção mais integradora das funções psíquicas, baseado em sistemas psicológicos, e pela adoção do significado como unidade entre a consciência e a palavra (Vigotski, 1982/2004c, 1935/2009).

Em suma, a influência da linguagem ou da educação formal nos processos psíquicos não pode ser explicada com base em um vínculo rígido e determinista, porém fundada em uma relação complexa entre as diversas funções, as quais se relacionam em sistemas psicológicos. Isto é, os signos culturais não são fixos, mas possuem um desenvolvimento através do significado, que é uma das zonas de sentido. Desse modo, a questão do desenvolvimento psíquico não seria reduzida ao nível educacional ou de apropriação da língua, mas ao sistema conceitual (significação) e sua relação com a realidade social. Como mencionamos, essa relação pode ser observada através de outros achados que não somente aqueles obtidos nas expedições.

## Referências

- Akhutina, T. V. (2002). L. S. Vigotski y A. R. Luria: la formación de la neuropsicología. *Revista Española de Neuropsicología*, 3(2-3), 108-129.
- Blunden, A. (2017). Tool and sign in Vigotski's development. Em A. M. Columbus (Org.). *Advances in psychology research* (Vol. 121; pp. 1-22). New York: Nova Science.
- Fuchs, T. (2010). The psychopathology of hyperreflexivity. *Journal of Speculative Philosophy*, 24(3), 239-255.
- Kanizsa, G. (1985). Seeing and thinking. *Acta Psychologica*, 59, 23-33.
- Lamdan, E. (2013). Who had illusions? Alexander R. Luria's central asian experiments on optical illusions. *PsyAnima, Dubna Psychological Journal*, 6(3), 66-76.
- Lamdan, E. & Yasnitsky, A. (2016). Did Uzbeks have illusions? The Luria-Koffka controversy of 1932. Em A. Yasnitsky. & R. van der Veer (Org.s). *Revisionist revolution in Vygotsky studies* (pp. 175-200). New York: Routledge.
- Luria, A. R. (1933). The second psychological expedition to Central Asia. *Science*, 78, 191-192.
- Luria, A. R. (1934). The second psychological expedition to Central Asia. *Journal of Genetic Psychology*, 44, 255-259.
- Luria, A. R. (1976). *Cognitive development: its cultural and social foundations* (M. Lopez-Morillas & L. Solotoroff, Trad.s). Cambridge: Harvard University. (Original publicado em 1974).
- Luria, A. R. (1979). *Curso de psicologia geral, Vol. II: sensações e percepções* (P. Bezerra, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1975).



- Luria, A. R. (1981). *Fundamentos de neuropsicologia* (J. A. Ricardo, Trad.). São Paulo: USP. (Original publicado em 1973).
- Luria, A. R. (1986). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (D. M. Lichtenstein & M. Corso, Trad.s). Porto Alegre: Artes médicas. (Original publicado em 1979).
- Luria, A. R. (1992). *A construção da mente* (M. B. Cipolla, Trad.; M. Cole & K. Levitin, Org.s). São Paulo: Ícone. (Original publicado em 1979).
- Proctor, H. (2013). Kurt Koffka and the expedition to Central Asia. *PsyAnima, Dubna Psychological Journal*, 6(3), 43-52.
- Toassa, G. (2016). Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética. *Psicologia USP*, 27, 1-11.
- Van der veer, R. & Valsiner, J. (2009). *Vygotsky: uma síntese* (6a ed.). (M. Marcionilo, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1991).
- Veresov, N. (1999). *Undiscovered Vygotsky: etudes on the pre-history of cultural-historical psychology*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Wien: Peter Lang.
- Vigotski, L. S. (1994). The problem of the cultural development of the child. Em R. van der Veer & J. Valsiner (Org.s). *The Vygotsky reader* (pp. 57-72). Oxford, Reino Unido: Blackwell. (Original publicado em 1929).
- Vigotski, L. S. (1997). Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas V: fundamentos de defectología* (pp. 73-97). (J. G. Blank, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1924).
- Vigotski, L. S. (1998). A percepção e seu desenvolvimento na infância. Em L. S. Vigotski. *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp. 3-27). (C. Berline, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1960).
- Vigotski, L. S. (2000a). El problema de desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique* (2a ed., pp. 11-46). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).
- Vigotski, L. S. (2000b). Método de investigación. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique* (2a ed., pp. 47-96). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor (Original publicado em 1983).
- Vigotski, L. S. (2000c). Estructura de las funciones psíquicas superiores. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique* (2a ed., pp. 121-137). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).
- Vigotski, L. S. (2000d). Génesis de las funciones psíquicas superiores. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique* (2a ed., pp. 139-168). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).



- Vigotski, L. S. (2000e). Desarrollo del lenguaje y del pensamiento. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique* (2a ed., pp. 265-284). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).
- Vigotski, L. S. (2004a). Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. Em L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (3a ed., pp. 3-33). (C. Berline, Trad.). São Paulo: Martins fontes. (Original publicado em 1926).
- Vigotski, L. S. (2004b). A consciência como problema da psicologia do comportamento. Em L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (3a ed., pp. 55-87). (C. Berline, Trad.). São Paulo: Martins fontes. (Original publicado em 1926).
- Vigotski, L. S. (2004c). Sobre os sistemas psicológicos. Em L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (3a ed., pp. 103-135). (C. Berline, Trad.). São Paulo: Martins fontes. (Original publicado postumamente em 1982).
- Vigotski, L. S. (2006a). Desarrollo de las funciones psíquicas superiores em la edad de transición. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas IV* (2a ed., pp. 117-205). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1930-31).
- Vigotski, L. S. (2006b). La crisis de los siete años. Em L. S. Vigotski. *Obras escogidas IV* (2a ed., pp. 377-386). (L. Kuper, Trad.). Madrid: Visor. (Original publicado em 1984).
- Vigotski, L. S. (2007). L. S. Vigotski: letters to students and colleagues (M. E. Sharpe, Trad.). *Journal of Russian and East European Psychology*, 45(2), 11-60. (Original publicado postumamente em 2004).
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. (2a ed.). (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1935).
- Vigotski, L. S. & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança* (L. L. Oliveira, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1930).

### Nota sobre o autor

*Eduardo Moura da Costa* é psicólogo, mestre em psicologia e doutorando em psicologia pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita filho" (UNESP/Campus Assis). E-mail: eduardomcbr@yahoo.com.br

Data de recebimento: 03/10/2016

Data de aceite: 23/06/2017